Cícero Inácio da Silva

as mulheres de derrida

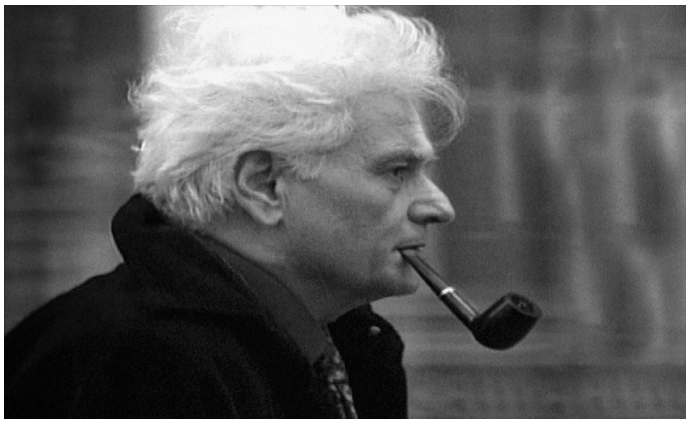
sobre se ver visto por uma mulher

witz editora

Coleção Jacques Derrida

A presente obra é disponibilizada pela equipe do blog Maiêuticar e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.



Outros Títulos da Coleção Jacques Derrida

A Escritura e Diferença
A Farmacia de Platão
A Voz e o Fenômeno
Adeus a Emmanuel Lévinas
Gramatologia
Khôra
O Animal que Logo Sou
Margens da Filosofia

Visite nossa página - http://maieuticar.wordpress.com/

©2004 Witz editora
Todos os direitos reservados.
www.witzeditora.cjb.net
witzeditora@uol.com.br

ISBN 85-98100-03-X

Índice para catálogo sistemático
1. Psicanálise
2. Feminino
3. Diferenças e gêneros sexuais

Introdução

Este pequeno ensaio foi escrito a partir do seminário "Operações femininas: sobre se ver visto por uma mulher", apresentado na Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, no curso da professora e crítica literária Leda Tenório da Motta, no ano de 2003.

No seminário apresentei a proposta de Jacques Derrida sobre o feminino e sobre a questão das diferenças entre os pares binários existentes até hoje como configurações possíveis da sexualidade.

Este ensaio introduz, de maneira bastante sintética, a leitura operada por Derrida dos textos de Heidegger e de Nietzsche mostrando o quanto a filosofia e a psicanálise esqueceram das diferenças, no sentido de ampliá-las para além da relação biológica.

Derrida coloca muitas questões, abre pontos cegos, delimita temas, insere e desloca movimentos dentro e fora dos textos por ele trabalhados. Pensar como os limites impostos por uma norma de pensamento indeferem questões pertinentes dentro dos próprios textos é o trabalho da desconstrução, que inflama todo o tecido escrito que Derrida toca. E aqui, neste ensaio, tento apresentar como conceber a diferença sexual sem que os dois pólos, masculino e feminino, sejam binariamente pensados. Como podemos sair dessa relação binária e compreendermos as diferenças a partir de um método que amplie e abra, sem se fechar nele mesmo, o próprio nome da diferença?

Comparando-se com o que foi pensado até hoje sobre o feminino, tanto pela psicanálise, quanto pela filosofia, veremos que estas duas

áreas do saber tentam até hoje desvendar essa figura que fenomenologicamente se coloca à frente do masculino como um mistério. Não foram poucas as tentativas de saber o que deseja uma mulher, ou o que ela representa para o mundo masculino. Sabe-se que essas tentativas, muitas vezes vazias, de tentar configurar o desejo feminino, pela via do masculino, podem muito bem construir um feminino que queira somente ser e ter os mesmos preceitos anteriormente decodificados e impostos pelo masculino.

Sair da dualidade e tentar compreender cada força e significado dos movimentos de deslocamento que o exercício da desconstrução sobre as diferenças requer é o trabalho deste breve ensaio.

Jacques Derrida, nos livros *Éperons* e *Point de Suspension, Entretiens*, principalmente no capítulo *Chorégraphies*, apresenta algumas considerações ousadas acerca da mulher, do feminino e principalmente das diferenças de sexo e de gênero.

As questões das diferenças sexuais sempre foram importantes do ponto de vista da psicanálise como instituição simbólica, que reconhecidamente se propõe a dar um "sentido" ao sujeito e também a reconhecer os desejos (se pensarmos e fizermos uma profissão de fé para acreditar que o próprio sujeito não é uma manifestação de um desejo) como possibilidades inconscientes.

A questão do masculino e do feminino é um problema desde sempre para a psicanálise e para as teorias da filosofia, principalmente da história da filosofia, que geralmente

tentam se supor acima das questões sexuais e também de gênero, no sentido de tentarem decodificar pressupostos ontológicos para além daquilo que conhecemos como efeitos de uma identidade masculina e feminina.

A sexualidade é algo geralmente fora dos pressupostos filosóficos mais ontológicos e ônticos, visto que ela é dirigida e interpretada por essas escolas como algo fenomênico e, portanto, não pertencente à origem da questão: o que é o ser? O que é o homem (não o masculino)?, entre outras.

As diferenças de sexo e, posteriormente, as de gênero, se configurariam para as teorias filosóficas que desmantelaram a metafísica, como pertencentes aos restos da interpretação da essência da coisa, como manifestações pré-

ontológicas, como sentidos efêmeros que poderiam se caracterizar como "perdas" de identidades que pertenceriam, no princípio que inauguraria o que conhecemos como *eu* e *nós*, ao ato interpretativo dos fenômenos. Portanto, segundo as leituras das diferenças concebidas a partir da leitura de Derrida dos textos heideggerianos sobre os textos nietzschianos[1], a questão do esquecimento cometido pela história da filosofia para com as teorias das diferenças sexuais ficaram gritantes e deslocadas para outras instâncias.

Derrida aponta em Heidegger o fato de que ele nunca tenha se preocupado, em nenhum momento de sua longa teoria, com as questões de gênero, das diferenças sexuais e, para

---

[1] Ver Martin Heidegger, *Nietzsche. Metafísica e Niilismo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2000.

ser mais direto, com a mulher. Para Heidegger, segundo Derrida, a mulher nunca foi uma questão:

> "...a leitura heideggeriana de Nietzsche deixou escapar a mulher na afabulação da verdade. Ela não enfrentou a questão da diferença sexual no texto nietzschiano".[2]

Derrida tenta compreender porquê isso aconteceu e como isso foi possível. Ao mesmo tempo, Derrida aponta que para Heidegger, o que sempre esteve em questão foi,

---

[2] Ana Maria Amado Continentino. *Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino*, em Paulo César Duque-Estrada. Às margens.Rio de Janeiro, Ed. Loyola, 2002. p. 83.

incessantemente, o descolamento da mulher do lugar binário em que ela foi depositada, como uma garantia da sociedade falocêntrica. Dessa maneira, Heidegger desloca a diferença sexual à ordem do ontológico e abre, a partir deste momento, uma leitura da diferença para além do universo binário à qual ela estava confinada. Dessa maneira, passa a não mais utilizar o homem e a mulher como uma dualidade e, a partir daí, preencher esta dualidade nela mesma, mas essa dualidade é uma das dualidades que geram inúmeras dualidades, *ad infinutum*. Portanto, seria como

> "...potencializar a própria diferença que passa a ser diferença que produz diferença, e não apenas diferença

> depositada numa dualidade"[3].

A proposta de falar de uma identidade feminina, da mulher, e também de seu par opositivo, ou seja, do homem, do masculino, tem como imposição geralmente falar do que define estas duas categorias.

A mulher e a feminilidade são tidas como sujeitos que passam a ser identificados com algumas características *a partir* do masculino, tendo atualmente várias questões abertas em relação às suas próprias definições, que estão geralmente pautadas pela questão masculina que as definiu anteriormente e que, portanto, foram submetidas à força ao feminino como definições metafísicas, transcendentes, pertencentes ao corpo

---

[3] Ibid., p. 74.

físico (a fraqueza da mulher, a falta da mulher, etc.). Caberia aqui também pensarmos na mulher como uma possibilidade do feminino, contrariando a idéia de que o feminino se constituiu a partir da questão realista pautada na diferença sexual anatômica.

Para a psicanálise, a diferença sexual continua sendo um dos seus mais complexos dogmas: a psicanálise vai estabelecer que a diferença anatômica dos sexos delimita as diferenças. Não seria o caso de nos perguntarmos se essa definição por si só bastaria para suportar toda uma realização de sentido efêmera que não se garantiria para além da simples representação colada numa figura corpórea? Mas será que a psicanálise poderia suportar um questionamento da diferença sexual para além da biologia que a guarda em reserva num

campo seguro da ciência normativa atual? Poderíamos nos questionar porque a psicanálise nunca enfrentou esta questão? Porque interessa à psicanálise manter esse sistema binário? Porque a psicanálise nunca se deu o trabalho de rever um conceito tão fundamental para seus próprios pressupostos? Se pensarmos que a lei fundadora da psicanálise impõe uma resolução acerca dessa caracterização, reconheceremos que o fato de questionar a diferença, em e na psicanálise, seria questionar a figura totêmica que a impôs ao mundo.

Mas convém também pensarmos que há algo anterior à lei e, se nos preocuparmos com a leitura realizada por Derrida da questão da lei e da força que ela tem, perceberemos que existia um abismo antes dela ser concebida. Tanto é que no mito do Totem e Tabu de Freud a horda

primeva decide instaurar um simbólico para dar conta do pai morto.

Mas mesmo assim, existia um antes, que seria a própria vertigem, a sensação para além da possibilidade do relato, o imaginário fundido a um real sem possibilidade de descrição. O Real impossível de ser pensado nele e para ele mesmo.

Poderia também ser pensado como uma "vertigem epistêmica", como uma experiência da ordem religiosa[4], ou algo próximo disso.

---

[4] Não é por acaso que Derrida cita Marguerite de Porette em seus trabalhos relativos (no livro Do espírito) às análises estabelecidas sobre a questão da lei, da verdade, do ser e do ente na história, no relato e na crítica destes conceitos pela própria filosofia. O estabelecimento do que conhecemos como lei é feito pelo pai, homem ou mulher? O pai masculino é aquele que a princípio se diz anatomicamente diferente do outro sexo que se constituiu no só depois (*après-coup*), se nos lembrarmos de Simone de Beavouir. A vertigem pensada e causada pelos textos de Porette vai apresentar uma outra configuração da experiência religiosa que tenta se antecipar ao próprio sentido, a própria representação e, portanto, são sem suporte possível para a compreensão fálica. Sem o relato não existe o fato? Porette, ao falar do que ela compreende como "aniquilamento" do nome próprio para se chegar ao ser verdadeiro, diz: "Amor: Esta alma não se dá conta nem de vergonha nem de honra, nem de pobreza nem de ódio, nem do inferno nem do paraíso. Razão: Em nome de Deus, o que é isso que estás a dizer? Amor: O que digo? Certamente aquela sobre qual falo sabe disso

A mulher ocupa o espaço da vertigem, pois ela é ligada diretamente ao antes da lei, ao momento da concepção de uma verdade sem "ordem" para

---

e nenhum outro, a quem Deus deu entendimento, pois nem a "escritura" (aspas de minha autoria) o (esse saber) contém, nem a sabedoria humana o compreende, nem o trabalho de uma criatura permite entendê-lo ou compreendê-lo, pois esse dom vem do Altíssimo em que (ela) goza por plenitude de conhecimento, e no qual nada permanece em seu entendimento. Então essa alma, tornada nada, possui tudo e, no entanto, quer nada, ela sabe tudo e, no entanto, não sabe nada." (Marguerite de Porette, *Le mirouer des simples âmes*. Ed. Romana Guarnieri, Corpvs Christianorvm, Continuatio Medievalis. Turnholti, Typograph Brepols Editores Pontificii, 1986 em Luiz Felipe Pondé, A antropologia medieval da vertigem, em Ordenação e Vertigem. Ed. Takano, São Paulo, 2003). Não é mera coincidência nem acaso que Porette foi queimada pela inquisição no ano de 1310 por heresia e por fazer apologia de experiências que não eram condizentes com as idéias falocêntricas da época, ou melhor, da Igreja Católica. Veremos como Derrida conduz essa discussão da Igreja em relação à mulher nos textos de Nietzsche.

recebê-la e, portanto, para conferir a ela uma possibilidade dessa verdade ser tida como fenômeno e essa experiência ser recebida como uma verdade plural.

A mulher, a partir da abertura criada por Freud pela psicanálise, ocupou um espaço antes destinado à verdade pura, constante e inabalável, ou seja, do falo que garantia a unicidade dos sistemas, a hierarquia das classes, a identidade dos contrários e a estrutura do mundo. Mas esse lugar que a mulher passou a ter direito não foi criado exatamente para comportar essa figuração que é plural, que é aberta. Que recebe. Que dá. Que é em se dando. Que se compromete sem ter, sem ser portadora da possibilidade de dizer a verdade (do falo obviamente).

Freud, ao dar ouvidos à mulher, aqui no caso a histérica, dava voz à

mentira, à falácia, à dissimulação, e dessa autoridade que dava direitos e principalmente lugar a esta enunciação feminina, Freud escutava o desejo que era desviado, corrompido, não aceito, desregrado, enfim, nas palavras do próprio Freud e de Breuer:

> "...entre os histéricos, podem-se encontrar pessoas da mais lúcida inteligência, da maior força de vontade, do melhor caráter e da mais alta capacidade crítica"[5].

Portanto, a psicanálise começa com um paradoxo: ao dar crédito e

---

[5] Freud e Breuer. *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar* em Freud. *Estudos sobre a histeria*. p. 48.

voz a uma mentira, surge uma verdade[6].

Contextualizando um pouco esta história da mentira das mulheres, é importante pensar que Charcot, em sua clínica das histéricas, exibia com sucesso um método de imitar o comportamento das histéricas para fazê-las recobrar sua sanidade e sua consciência. Esse método obviamente tinha a histérica como uma pessoa desviada de sua rota de conduta normal, portanto, era óbvio que se

---

[6] Em Derrida: "É preciso ter a possibilidade do falso como possibilidade primeira, original, originária. É preciso partir da possibilidade do erro, do falseamento. Heidegger insiste na origem comum entre a verdade e a não verdade – co-originárias, como possibilidade do Dasein". Relato elaborado por Zelina Beato a partir do seminário *Question de responsabilité (X. Le parjure et le pardon. La peine de mort. La bête et le souverain)* em 2002-2003 de Jacques Derrida na EHESS. Em http://www.unicamp.br/iel/traduzirderrida/Ecole_2002.htm .

deveria colocá-la novamente no caminho considerado pelo masculino como certo.

O padecimento dessa mulher, desse feminino, era analisado do ponto de vista masculino. O ato de classificar a histérica e categorizar as etapas de seu sofrimento era uma tentativa, talvez simplória e autoritária, de não se deixar afetar pelo próprio da mulher. E o que seria esse próprio da mulher? Nas palavras de Derrida:

> "Através de inúmeras análises, que eu não posso seguir aqui, aparece, segundo a lei já formalizada, que ora a mulher é mulher dando, *em se dando*, como o homem toma, possui, toma possessão, ora ao contrário a mulher em se dando se

> dá-para, simula e assegura assim a dominância possessiva. O 'se-dar-para', o *para*, qualquer que seja seu valor, que ele engane dando a aparência ou que introduza alguma destinação, finalidade ou cálculo retorcido, astuto (*retors)*, algum retorno, amortecimento ou benefício na perda do próprio, o *para* retém o dom de uma reserva e troca desde então todos os signos da oposição sexual. Homem e mulher trocam de lugar, trocam suas máscaras ao infinito"[7].

---

[7] Tradução de Ana Maria Amado Continentino em *Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino*. No original: "A travers de nombreuses analyses, que je ne peux suivre ici, il apparaît, selon la loi déjà formalisée, que tantôt la

O espaço criado pela psicanálise, quando Freud decide dar valor de verdade ao que era tido até então como fingimento, dissimulação, frescura que não deveria ser levada em consideração, pois se pensarmos que uma histérica tem todos os sintomas, mas não tem a doença física, o que o masculino teria a dizer dessa manifestação? Freud vai mais longe ainda, depois de muitas

---

femme est femme en donnant, *en se donnant*, alors que l'homme prend, possède, prend possession, tantôt au contraire la femme em se donnant se *donne-pour*, simule et s'aussure ainsi la maîtrise possessive. Le 'se-donner-pour', le *pour*, quelle qu'en soit la valeur, qu'il trompe en donnant l'apparence ou qu'il introduise quelque destination, finalité ou calcul retors, quelque retour, amortissement ou bénéfice dans la pert du prope, le *pour* retient le don d'une réserve et change dès lors tous les signes de l'opposition sexuelle. Homme e femme changent de place, échangent leur masque à l'infini". Derrida, *Éperons*, pp. 90-92.

reticências aos tratamentos à época aplicados, diz que as questões das histéricas devem ser ouvidas e elas devem *falar* sobre seus desejos, em um espaço específico que receberá essa fala. Esse dito desamparado de verdade será escutado como um paradoxo. E como tal fará com que o próprio Freud tenha de se colocar diante da histérica como um indecidível. Ou seja, ele não poderá mais desejar por ela, ele não poderá desejá-la, ele não poderá interferir, falar, se impor, direcionar. Freud terá que dar espaço e lugar para que essa mulher fale, se posicione, se dê, se entregue em sua própria verdade, que agora passa a ser múltipla, indecidível, indiscernível em alguns casos. Provavelmente a psicanálise ainda conviverá por um bom tempo sob os auspícios do dogmatismo que lhe impõe sempre discernir entre o

binário par opositivo homem/mulher, sem poder questionar quais seriam as versões dessas duas possibilidades. E se elas poderiam ser pensadas somente nestas duas instâncias.

Nem mesmo Lacan conseguiu ultrapassar essa discussão e, se pensarmos em sua teoria para a releitura da sexualidade freudiana, veremos que ele parte do pressuposto da diferença sexual como se ela em si contivesse uma verdade. Ou seja, Lacan no auge de seu próprio dogmatismo em relação à sexualidade freudiana, não se permitiu tentar questionar a diferença sexual. Suas concepções sobre as "diferenças" já partem do pressuposto de que existem somente duas sexualidades, a masculina e a feminina.

Duas versões de uma mesma verdade, e que essa verdade se estabelece a partir do falo. Ter e não

ter se tornam para Lacan indícios do deciframento da sexualidade. E se a verdade está contida na diferença vista pelo viés do imaginário (do corpo), convertendo-se posteriormente em simbólico pelo lado mais simples, o binário, não há saída para não afirmarmos que somente existem duas configurações sexuais na teoria lacaniana. Segundo Derrida, um dos problemas dos sujeitos que acreditam numa verdade única, como é o caso de Lacan e Heidegger, entre outros, seria o fato de que eles nunca se viram vistos por uma mulher. Talvez realmente acreditassem que a mulher nunca existiu.

A partir desses eventos, penso que Derrida propõe uma crítica às teorias filosóficas, principalmente às de Heidegger, quando questiona o fato de que Heidegger tenha feito uma

releitura de Nietzsche e que, nesta releitura, tenha deixado escapar o fato de que :

> "...dentre as várias abordagens que Nietzsche oferece do feminino, uma rompe o laço que ata masculino e feminino como pólos que traduzem a diferença sexual. Esta apreensão descortina na economia sexual a possibilidade de uma outra lógica que não a da diferença enquanto oposição e tem como ressonância no âmbito do pensamento a requisição de uma abertura mais ampla e

decisiva no tratamento da diferença”[8].

A questão abordada pelos filósofos que não viram a mulher foi: a verdade parte do falo. Sem saber muito bem o que a mulher tem como possibilidade de verdade, o masculino decidiu impor, via uma ordem falocêntrica (que poderíamos pensar também a ordem da lei), um sentido único e final para algumas coisas. A lei, por exemplo, seria um dos momentos sublimes da imposição masculina que regeria nossa condição. A escrita, segundo Derrida, também estaria incluída nessa ordem do falo, pois seria, a princípio, a inscrição que carregaria o sentido unívoco, do verdadeiro, do correto, do leal e do

---

[8] Ana Maria Amado Continentino. *Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino*, em Paulo César Duque-Estrada. Às margens. Rio de Janeiro, Ed. Loyola, 2002. p. 74.

superior sobre o que é o homem e o que é a mulher. Carregaria inclusive a lei dentro de si. A escritura, saindo deste espaço, ocuparia uma ordem de inscrição feminina.

A desconstrução oferecida por Derrida poderia ser pensada como uma operação feminina, tendo em vista que os textos começaram a dizer aquilo que não se esperava deles. Esse momento, tido como obscuro por alguns filósofos e psicanalistas, só traduz o medo que é ter a inscrição do falo colocada em questão pela sua própria força.

Questionados os princípios que orientam a verdade como uma possibilidade pertencente ao falo, podemos avançar na leitura que Derrida oferece do texto nietzschiano quando diz que em Nietzsche a mulher e a verdade não só andam juntas, como estão profundamente

enlaçadas. O paradoxo se instala novamente. Como conceber a mulher invadindo a inscrição antes pertencente somente aos devotos de uma filosofia da verdade que emanava características próprias ao saber constituído na não-contradição masculina? Essa estranha inscrição da mulher no campo da verdade torna-se insuportável para a filosofia. Ou seja, como conceber uma verdade que só *é* enquanto múltipla? O que será da identidade e das configurações binárias se os pares opositivos perderem o sentido? Na mulher a verdade é a própria não-verdade e, a não-verdade da mulher questiona radicalmente o *próprio* da verdade,

> "tornando possível a afirmação de que tanto

> a verdade como a mulher são plurais"[9].

Se pensarmos que o homem concebe fenomenologicamente o que é ter um falo e que, ao se deparar com a diferença feminina, concebe aquilo que se convencionou denominar a "castração", é normal pensar o que seria o inverso desse fenômeno. Ou seja, o que seria, ou em que lugar seria possível pensar esse fenômeno na mulher? Derrida indica que:

> "...primeiro que o lugar da castração não é determinável, marca indecidível ou não-marca, margem discreta com conseqüências

---

[9] Ana Maria Amado Continentino. *Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino*, em Paulo César Duque-Estrada. Às margens.Rio de Janeiro, Ed. Loyola, 2002. p. 78.

> incalculáveis, uma entre elas, eu tentei anotar em outros lugares, retornando à equivalência estrita de afirmação e de negação da castração, da castração e da anti-castração, da assunção e da denegação"[10].

A castração seria uma questão pensada pelo viés do indecidível. O que fazer para saber o que é isso sem

---

[10] Tradução de Ana Maria Amado Continentino em *Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino*. No original: "...d'abord que le lieu de la castration n'est pas déterminable, marque indécidable ou non-marque, marge discrète aux conséquences incalculables, l'une d'entre elles, j'ai tenté de ler noter ailleurs, revenant à l'équivalence stricte de l'affirmation et de la négation de la castration, de l'assumption et de la dénégation". Derrida, *Éperons*, p. 48.

que eu tenha algo a mais, ou seja, um falo?

Derrida vai nomear o que ele concebe como operação feminina, ou seja, a configuração da mulher a partir da concepção de que a mulher é plural e que ela ocupa um espaço simbólico que se deslocou do lugar da verdade unívoca e rompeu com as certezas tidas como únicas, permitindo a verdade ser pensada em várias configurações, específica para cada instante, plural e ao mesmo tempo única a cada momento em que ela se apresenta.

Para Derrida, a mulher traz conseqüências complexas para a filosofia, que poderiam ser pensadas como indecidíveis. Nas palavras de Derrida:

> "Desde que a questão da mulher suspende a

oposição decidível do verdadeiro e do não-verdadeiro, instaura o regime epocal das aspas para todos os conceitos pertencentes ao sistema desta decidibilidade
filosófica, desqualifica o projeto hermenêutico postulando o sentido verdadeiro do texto, libera a leitura do horizonte do ser ou da verdade do ser, dos valores de produção do produto ou de presença do presente, o que desencadeia, é a questão do estilo como a questão da escritura, a questão de uma operação "esporeante"

> mais potente que todo o conteúdo, toda tese, todo sentido. A espora estilada atravessa o véu, não o rasga somente para ver ou produzir a coisa mesma, mas desfaz a oposição a si. Oposição dobrada sobre si do velado/desvelado, a verdade como produção, desvelamento/dissimulação do produto em presença. Ela não suspende mais do que ela deixa cair. Ela delimita o suspender – a época"[11].

---

[11] Tradução de Ana Maria Amado Continentino em *Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino*. No original: "Dès lors que la

No estilo de escritura derridiano cabe também salientar que Derrida cria um termo para falar dessa diferença imposta pela filosofia ocidental à mulher: o falogocentrismo. O conceito é uma crítica estabelecida aos sistemas fálicos do saber centrados

---

question de la femme suspend l'opposition décidable du vrai et du non-vrai, instaure le régime époqual des guillemets pour tous les concepts appartenant au système de cette décidabilité philosophique, disqualifie le projet hermenéutique postulant le sens vrai d'un texte, libère la lectura de l'horizon du sens de l'être ou de la vérité de l'être, des valeurs de production du produit ou de présence du présent, ce qui se déchaîne, c'est la question du style comme question de l'écriture, la question d'une opération éperonnante plus puissante que tout contenu, toute thèse et tout sens. L'éperon stylé traverse le voile, ne le déchire pas seulement pour voir ou produire la chose même, mais défait l'opposition à soi, l'opposition pliée sur soi du voilé/devoilé, la vérité comme production, dévoilement/dissimulation du produit en présence. Il ne soulève pas plus qu'il ne laisse tomber le voile, il en dé-limite le suspens – l'époque". Derrida, *Éperons*, p. 86.

em imposições metafísicas do Logos (a palavra). Portanto, une o falo ao logos e daí exponencia as possíveis compreensões que essa união acarreta.

Na leitura realizada por Derrida do Nietzsche de Heidegger temos ainda algumas questões que colocariam a diferença em outra esfera de compreensão do que é a própria diferença sexual:

> "a operação feminina, desvio desta determinação (falogocêntrica), pouco foi entendida pelo pensamento filosófico clássico. A oscilação que ela introduz e sofre, antecede, enquanto indecidível, qualquer delimitação, e

> exibe o ato de imposição de poder implícita a qualquer decisão”[12].

Precisaríamos ainda pensar nas concepções do pansexualismo freudiano, mas sabemos que Derrida, ao extremar essa posição na leitura de Freud abre o seu sistema e inflama seu discurso acerca das operações femininas pela mulher. Essa inflamação no discurso terá, como toda inflamação, um inchaço, um incômodo, não será indolor, mas inevitavelmente nos direcionará ao questionamento inevitável sobre o que é a mulher e, agora, o que é a verdade da e na mulher?

Segundo Continentino:

---

[12] Ana Maria Amado Continentino. *Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino*, em Paulo César Duque-Estrada. Às margens.Rio de Janeiro, Ed. Loyola, 2002. p. 86.

“Sobre este feminino, Heidegger se calou. O objetivo de Derrida é examinar a inscrição da mulher no texto de Nietzsche. Sigamos com Derrida nesta análise. A mulher e a idéia têm uma história, diz Nietzsche. A mulher nem sempre esteve associada à verdade. Num primeiro momento, a verdade era a verdade do filósofo. Quando a idéia passa a ser a apresentação a si da verdade, distancia a verdade do filósofo. É a distância, como próprio do feminino, que

> promove o enlace entre a mulher e a verdade. A distância sendo, então, o transcendente, aquilo que afasta tanto na idéia como na mulher".

Mas Derrida amplia o problema da castração e lê em Nietzsche a associação entre idéia e mulher como sendo um movimento cristão, introduzindo inevitavelmente a concepção de castração. Para a psicanálise, a castração vem geralmente da posição masculina para com a mulher. Mas lendo atentamente o que propõe Derrida, temos novamente um paradoxo:

> "...a castração é uma operação da mulher contra a mulher, não menos de cada sexo

> contra si e contra o outro"[13].

A polêmica aqui fica evidente e, para implicar ainda mais a posição da psicanálise diante desta afirmação, Derrida pode servir aqui de apoio contrário à idéia de que o feminismo seria uma solução para a escravidão imposta à mulher pelo homem. Para Derrida, o feminismo teria as mesmas concepções do machismo, sendo que operaria no pólo inverso e os problemas das diferenças somente se inverteriam. Mesmo assim, a questão que pode ser desdobrada da afirmação de que a castração é uma "operação" feminina, dirá que a

---

[13] Tradução de Ana Maria Amado Continentino em *Derrida e a diferença sexual para além do masculino e feminino*. No original: "...la castration est une opération de la femme contre la femme, non moins que de chaque sexe contre soi et contre l'autre". Derrida, *Éperons*, p. 75.

posição do feminino deverá ser pensada como desejante do falo pela inversão dos lugares, o que não dá à mulher uma posição na diferença, mas a coloca no mesmo espaço do masculino, misturando os dois pólos mais uma vez.

O paradoxo se instala neste momento em que cada vez mais temos sistemas, idéias e possibilidades de compreendermos e tentarmos supor que existam várias formas de ser da sexualidade, muito além da mera dualidade e da pansexualidade prevista por Freud, e pela grande massa de psicanalistas no mundo. A sexualidade e suas diferenças serão cada vez mais implícita e explicitamente percebidas e, o que é mais interessante, concebidas com objetivos distintos que serão, muito provavelmente, a possibilidade de convivência com as

diferenças sem que elas devam ser cerceadas pelos religiosos, filósofos, psicanalistas, sociólogos, ou quem quer que seja que tenha o desejo de destruir o diferente para impor seu desejo de poder para poder gozar com o cerceamento no e do Outro e, sem que esse cerceamento seja passível de um gozo (laço social) compartilhado em si.

Sobre o autor

Cícero Inácio da Silva é professor e pesquisador da PUC/SP e do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.